FUNDADOR — PADRE AMÉRICO

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração; Comp. e Imp.: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Ano XIV - N.º 348 - Preço 1$00
6 DE JULHO DE 1957

Setembro de 1952. Pai Américo em Rádio Clube de Moçambique.

Facetas de uma Vida

Zé dos Pobres não é apenas um pseudónimo. É o nome de um movimento de Caridade que os Vicentinos de Lourenço Marques lançaram e de que semanalmente dão conta num jornalzinho com aquele título e em Rádio Clube de Moçambique.

O «alma mãe» desta campanha identifica-se no nome com o próprio movimento. Agora, de passagem na Metrópole, fez aqui uns dias de estação.

O que se segue é uma lembrança de saudade que nos deixou.

Quem seria o sacerdote que mal rompia a manhã, tão cedo que poucas pessoas o veriam, deixava os portões do Seminário de Coimbra carregando em seus ombros trouxas de roupa, que de tanto peso o obrigavam a descansar o seu carrego nos muros do Jardim Botânico? Quem seria?

Eu não sabia quem ele era.

Passados anos, nos Açores, sendo companheiro de trabalho do «Maioral» do Lar do ex-Pupilo, o primeiro em Portugal e um dos primeiros rebentos da Obra da Rua, vim a saber quem era esse sacerdote.

Este rapaz foi o primeiro chefe do Lar e, por isso mesmo, muito contactou com o P.e Américo.

Quando eu o via carregado com roupas estava então no começo uma Obra que mais tarde viria a ser uma das maiores, senão a maior, sonhada e realizada por um sacerdote em Portugal.

Desde aquele encontro nos Açores, nunca mais deixei de acompanhar o desenvolvimento da Obra quer por «O Gaiato», quer por os seus livros.

Em 1952 lidei de perto com o Padre Américo em Lourenço Marques e tive a felicidade de não perder uma única palestra das que ele fez nessa cidade.

Doutrina da mais pura, conceitos dos mais sinceros, falas mansas mas empolgantes, que penetravam bem fundo nas nossas almas.

«Não venho pregar nada de novo».

E não.

Ele só falava e desenvolvia de maneira maravilhosa, aquilo que Cristo nos ensinou há quase dois mil anos: o Amor. O amor do nosso próximo como o de Deus por nós.

E foi por amar tanto que o P.e Américo deixou em pleno desenvolvimento uma Obra tão grandiosa.

A sua visita a Lourenço Marques foi bem proveitosa. Deu a todos o ensejo de manifestarem a sua bondade. E da reunião «familiar» que teve com os vicentinos nasceu e medrou a ideia da construção de Casas do Património dos Pobres.

Hoje há nessa cidade uma moradia já habitada por duas famílias, a qual tem o nome de «Casa Padre Américo» e estão em construção mais duas e uma outra para o Lar Vicentino dos velhinhos — uma espécie de Calvário.

Tive nele um grande amigo.

Um amigo que eu desejaria encontrar agora que passo na Metrópole, para falarmos muito e receber os seus conselhos.

Zé dos Pobres

AVISO

Assim a velha «Planeta» não nos deixe ficar mal..., o próximo «Famoso» não será em 20, mas em 27. Porém, antes dele, outras notícias, querendo Deus, vos hão-de visitar.

AQUI, LISBOA!

A vida fácil, sem preocupação de ordem material, conduz naturalmente ao optimismo. Tudo faz julgar pelo melhor.

E este trilho ameno alheia das dificuldades reais da vida. Distancia de luta, vezes sem conta inglória, pela vida. E por induzir ao esquecimento, não leva sequer a supor a existência da mesma luta. Não mais se dá fé desta.

Ora a vida é demasiado suave para tantos em cujo rosto nunca surgiu, ou há muito se enxugou o suor do trabalho. E, contudo, por circunstâncias felizes nada continua a faltar. Tudo superabunda. Tudo desliza em bem, sem entrave.

Por isso, não admira que parte considerável da humanidade sofra abandono e desprezo. Espanta ùnicamente, quando estes surgem num clima cristão. Pois que o distintivo mais flagrante do cristão é precisamente a dedicação pelos outros: «Nisto conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros». Mas a vida fácil impreterìvelmente leva ao esquecimento dos outros. No seu cuidado em cumprir o preceito do Mestre o cristão precisa de viver acautelado. Com a vida fácil não suceda cair no egoísmo e consequentemente, não mais se ver nele um discipulo de Cristo, por ausência da Caridade. É na Curraleira que oiço a confirmação desta mesma doutrina: — «Eu nunca supuz que isto fosse possível»! «Isto» são 600 barracas medonhas, que albergam muitos tuberculosos. A exclamação brotou de alguém que frequenta, como tantos, a alta sociedade citadina. Mão amiga, entretanto, para ali a encaminhou. Ao chegar teve natural receio de ser conhecida. Custou-lhe os olhos da cara apear-se do carro. Foi a primeira vez que pisou terreno lamacento por via dos despejos infectos e igualmente a vez primeira que encostou ombros a casas de pinho e zinco que exalam cheiro nauseabundo. Mas vencido o obstáculo contemplou o que até então nunca supusera existir e continuaria a ignorar se não a despertassem da letargia da vida cómoda.

O cristão precisa de renunciar voluntàriamente às excessivas alturas de bem estar, para nunca perder o contacto com os seus irmãos. É extremamente difícil mantê-lo em determinadas situações priveligi-

Segue para a página DOIS

ANIVERSÁRIO

O ciclo do fim principiou em 12 de Julho. Foi a inauguração da Capela da Casa do Gaiato de Beire. Depois uma breve passagem por Paço de Sousa. A última.

Essa noite dormiu-a em Viana do Castelo. O pároco da Matriz, guarda como dom de preço inestimável tê-lo conhecido ainda naquela manhã de 13. Essa tarde parou em Coimbra. A noite iria à Marinha Grande mas a notícia de uma manifestação levou-o por caminhos diversos.

Sábado 14, última missa em S. Martinho do Porto e regresso. No Espelho da Moda foi o derradeiro desabafo. Dali a S. Martinho do Campo de Valongo, são uns minutos.

Eram seis horas e cinco da manhã, na festa de Nossa Senhora do Carmo, quando Deus guardou a sua alma amadurecida pela seiva da Cruz.

Sobre tudo isto vai um ano a cumprir-se. O tempo é assim: corre como um perseguido; quando na verdade é ele que nos persegue e nos arrasta. Um ano cheio, cheio de graças de Deus.

Agora mesmo me batem à porta. Julguei que era, mas não foi uma interrupção. Três mulheres à volta dos 60 saídas do Porto às 3 horas desta madrugada de S. João, chegam sorridentes e deixam em minhas mãos pecadoras três embrulhinhos em papel de celofane. «É pouquinho mas é à feição das nossas posses»!

Uma cinco; outra vinte; outra vinte e cinco escudos. As três, trinta e tantos quilómetros a pé, desde a 3 da madrugada até às 4 desta tarde de S. João. Quantas doações assim, quantos sacrifícios, quantas orações que a gente sabe e quantas que a gente ignora! Com este adubo e a semente no Céu, como não havia o tempo de ser cheio de graças?!

«A Obra começa quando eu morrer...» A planta nasce da semente que morre. É do Evangelho. É da Vida.

Entre os rapazes, agora que a semente está no Céu, surgem «novidades» de doação. Nos Seminários o fermente leveda a massa. Parece concretizar-se a confiança da Igreja. O Poder Civil sempre se tem mostrado compreensivo e amigo. Todo o carácter de vanguarda e toda a liberdade de acção se conservaram. «O Gaiato» continua a ser ele, mau grado, aí o lugar de mais difícil substituição.

Como explicar a vivacidade que se mantem e progride, senão porque Deus dá o incremento e a semente está no Céu e na terra há adubo de grande fertilidade?!

Um ano vai a cumprir-se. Um ano cheio de graças. Deus seja louvado!

Património dos Pobres

A grandeza do Património dos Pobres está na sublimidade da renúncia dos seus obreiros. Não somos nós, homens pecadores, competentes para avaliar a sublimidade desta renúncia, pois os nossos sentidos não se apercebem dela; mas Deus é testemunha de toda a heroicidade.

O pessoal dos C.T.T. de Coimbra, com a alma em festa, deposita a última prestação para a sua casa. Quem pudesse presenciar no íntimo de cada um e ver o esforço de generosidade que tiveram de fazer! Alguns tiraram, certamente, o pão à boca.

Uma senhora de Coimbra, de vida muito modesta, vendeu um piano e uns objectos de sala e entregou com muita pena de não chegar para uma casa. O quanto não depende sempre de nós; o como, sim. A qualidade esteve, está e estará sempre acima da quantidade.

Outra senhora do Porto, residente em Coimbra, veio dizer-me com muita alegria que anda a juntar para uma casa e já tem metade. Nós somos testemunha de tantos testemunhos!

Alunos e alguns professores do Liceu D. João III de Coimbra juntaram já a segunda casa e andam na terceira. Quantas renúncias em bilhetes de eléctrico e em gulodices não fazem estes homens de amanhã! Como tem sido tão bem acolhida a campanha que muitos jornais levantaram a favor do Património, nomeadamente alguns do centro do país como o Diário de Coimbra, a Voz da Figueira da Foz, a Comarca de Arganil!...

Sempre que se põe diante dos homens a pessoa de Jesus Crucificado e Agonizante no nosso irmão Pobre, os olhos

Segue para a página QUATRO

Do que nós necessitamos

«Junto 50$00 do resto do seu primeiro ordenado, depois de grave doença de meu marido, que voltou ao trabalho no mês de Abril findo».

Um voto por inteiro, cumprido aos bocadinhos, a dizer sacrifício e duas vezes amor. Que gosto têm estas migalhinhas!

Outro voto de cinco contos com o pedido de 30 intenções de missa que os 3 padres da rua dividiram entre si e estão celebrando. Outro que prometeu

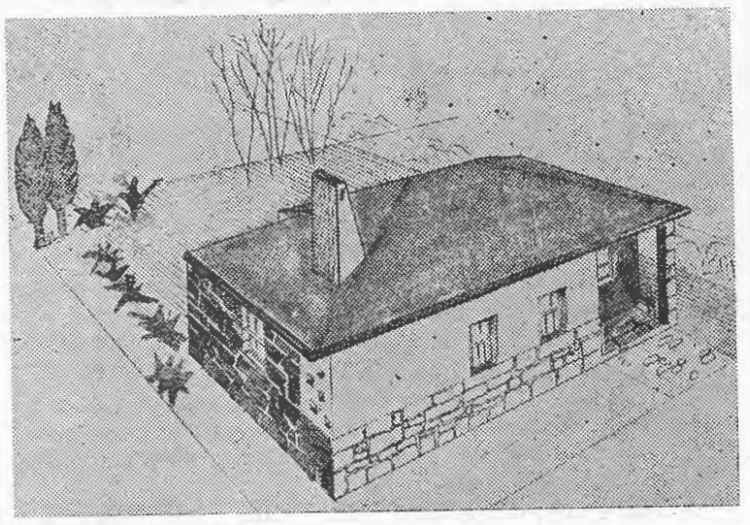
Segue para a página DOIS

Casas para Trabalhadores

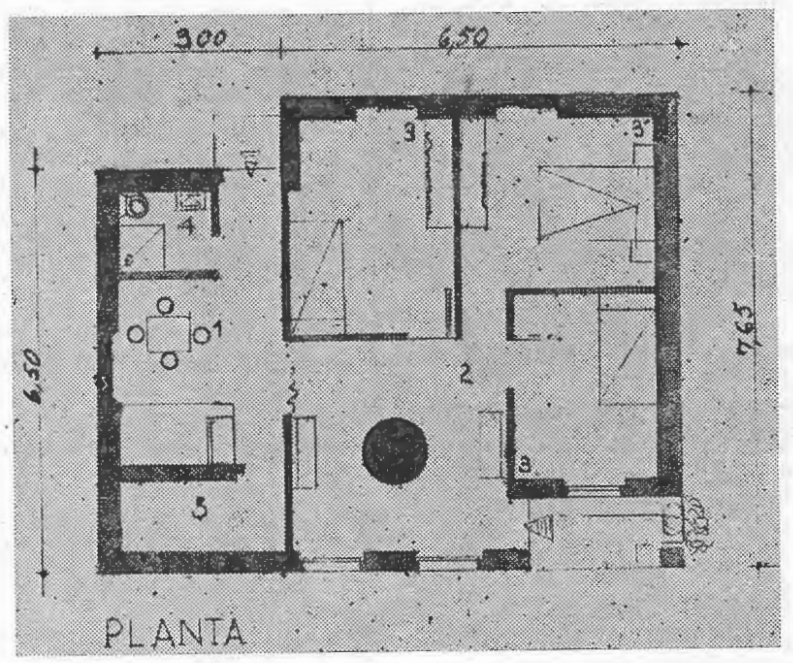
A casa exerceu sempre profunda influência no carácter, na maneira de ser do indivíduo. Se o homem faz a casa, esta também faz aquele.

O movimento que pretende levar muitos trabalhadores a construirem, eles mesmos, em equipa, a sua própria vivenda não patrocinará casas que sejam um atentado permanente contra a vida, contra a moral. Quartos numerosos e espaçosos, uma cozinha que sirva também de sala tanto de estar como de jantar. É a tradição de milhares de famílias portuguesas que, através de todos os tempos, se reuniam, à noite, em volta da lareira. Um quarto de banho, uma pequena dispensa e uma sala fazem destas habitações vivendas completas. É importantíssimo ficar algum terreno à volta para umas árvores, umas roseiras, um tanque de água e lojas de animais. Não ter medo de sair, um pouco, para os arrabaldes, para os arredores dos povoados. Evidentemente no centro das povoações não se encontrará terreno em ordem a casas desta natureza. Procurá-lo a alguma distância. Amanhã se verá que o lugar foi bem escolhido, contra a opinião corrente no momento presente. Temos de ver ao longe, a distância. O terreno próprio é a grande dificuldade, melhor, uma das maiores dificuldades dos que trabalham no sentido de ajudar os pobres rapazes trabalhadores a construirem a sua casa. Mas esta dificuldade também o tempo a vencerá. Os homens hão-de caminhar para uma melhor compreensão dos deveres sociais. Num futuro mais ou menos próximo verão, com plena evidência, que não poderão ser ricos nem mesmo remediados no meio dum mundo de miseráveis. Quando não fosse por **caridade** — e a caridade acabará sempre por triunfar — quando não fosse por caridade, seria por **interesse**. Os homens de amanhã compreenderão, no campo individual, como hoje as grandes nações começam a compreender no campo internacional, que, ajudando os **outros** se ajudam a **si mesmos** e que todos os egoístas trabalham contra si próprios. A miséria será sempre péssima vizinhança. Hoje ainda um bom número pensa construir a própria felicidade sobre a desdita alheia, julgando que só pode ter à custa dos que não têm. Até lá, compete aos homens de boa vontade **doutrinar e realizar** ao mesmo tempo.

Padre Fonseca



«Se o homem faz a casa, esta também faz aquele».



«Quartos espaçosos, cozinha que sirva de sala de estar e jantar, quarto de banho, dispensa, fazem destas habitações vivendas completas».

Chales de Ordins

A vida é cruz bem pesada aos ombros dos Pobres. A escassez do pão tortura constante. O futuro é sem horizonte a delimitar a incerteza, a amargura do dia de amanhã. O castigo de Deus: «comerás o pão com o suor do teu rosto» — parece transformar-se nisto pela maldade dos homens: «comerás o pão amassado com as lágrimas dos teus olhos». Ora um lar assim está exposto a todas as tempestades. É preciso ter-se uma fé de herói, para não fugir à cruz, que a tentação é aliciante.

Sou avesso a dar «esmolinhas». O Pobre fica como dantes. Se no dia presente tem pão, amanhã vive de incerteza, à espera, outra vez, da «esmolinha». Resolver situações, sim. Fazer sair o Pobre da menoridade. Torná-lo livre e em condições de se bastar Isto exige mais de nós e movimenta as faculdades da alma do Pobre, tantas vezes atrofiadas, por falta de exercício. Muito cabedal dispendem as conferências vicentinas na acção da Caridade. Se, porém, se derem a «fazer andar os paralíticos», libertando Pobres da miséria e pondo-os em moldes de se bastarem, será, sem dúvida, mais apreciável o seu trabalho.

Procuramos proceder nesta sequência de ideias. Há tempos, com sacrifício da nossa conferência, compramos os apetrechos para um Pobre, aliás muito habilidoso, começar a fazer terços. Afinal nada conseguimos, pois o novo trabalho exigia horas de paciência. E ele não quis tal modo de vida.

Agora é uma família com 4 filhos ainda pequenos e, na capital, outro, de maior idade, na P. S. P.. Esforçamo-nos, para que os pais recebessem o abono de família, mas nada. Exigia-se que convivessem com o filho, o que se tornava impossível. Onde o dinheiro para as viagens? Que fazer aos quatro pequenos? E, em Lisboa, onde a casa? E alimentos? Valeria **a pena sair de Ordins** por causa do abono? Se estas linhas doloridas caírem sob os olhos daqueles que podem resolver esta situação, direi apenas, que os pais batem nos filhos, por comerem muito pão. Se os filhos dos Pobres não comem o pão que lhes apetece, de que hão-de valer-se? Se batem, é que não o têm em abundância. Ainda há bem pouco, esta família passou três dias sem o provar. Já são oito contos de dívida e a mercearia não credita mais. Agora a fome... ou vender uma leira de terra, único bem, pagar a dívida e comer, enquanto chegar, e depois... Procuramos obstar à tentação de venda do campo, cobiçado pelos que vêem sem-

Segue para a página QUATRO

Do que nós Necessitamos

Continuação da página UM

chegar aos 1.200$ e fica em 550$. Uma bicicleta, do Porto. Oh trabalhos meus! Há agora por aí grande fornecimento de apitos e cornetas em plástico. Outro dia perguntei a um se aquilo se partia: «Que não. Que se quebrava». Quem dera que depressa! Malhas da fábrica Marão e um mealheiro tão cheio que teve de meter sucursal. «Um fato» para um grande e dois para os «batatas». 500$ dos Amigos de D. António Barroso. 600$ para os Pobres do Barredo, duma assinante do Porto.

Um aumento de ordenado: 182$50. Cem no 3.º aniversário de Paulo Mariano. Metade «do costume» da Alda.

Da Alfaiataria Infantil no 57.º aniversário da fundação, fatos, blusas e chapéus. Tudo tirone!

Cem da «Mãe que crê em Deus». Os sacrifícios que ela tem feito por um filho! E agora está recebendo a cem por um. É a medida do Evangelho. Outra vez 100$, do Fundão, de uma esposa feliz. Outra, do Porto, mas pede orações pelo bom êxito de uma operação que o marido vai sofrer.

«Uma pobre pecadora» com 50$ «para o que fôr mais necessário». Muito valor tem este dístico. É uma doação desprendida e confiante no critério de quem a recebe: «o que fôr mais necessário». Do mesmo modo 100$ «por alma de meu pai». 150$ de «migalhas»

Uma jovem professora de Coimbra manda seu 1.º ordenado: 1.200$. Outras primícias: 21$ do 1.º dia de trabalho. A LOC de Fiães veio e entregou 250$. Nesse dia estiveram cá, vivendo o seu «dia familiar», a LOC e LOCF do Porto. Deixaram 4.000$ e muita simpatia. Muitos dos e das locistas ainda se desobrigaram por fora daquela quantia em que haviam já participado. E alguém da Electro Cerâmica entregou mais 300$ juntos pelo pessoal daquela empreza.

Um amigo do Brasil angariou entre os seus amigos da colónia portuguesa 18 mil cruzeiros.

No Lar popeline para camisas e outros donativos. No Espelho da Moda tudo o que ali foi dar.

Não sei porque bulas se soube da nossa colónia balnear em Azurara. Fatos de banho pediram-se e têm chegado alguns, mas são precisos muitos mais. Porém, refiro-me a mil escudos entregues para ajudar a renda da casa. Bem haja o «adivinho» doador.

120$ de «um estudante que costuma ler o Gaiato». Eu sei de muitos que o esperam com paixão de namorados. Podíamos formar uma «ala» deles. Folgamos por mais este.

A Mariazinha e o Artur com o contributo mensal. Pneus velhos de um doutor amigo de **Viseu**.

Monsanto com 20$; Lourenço Marques 50$; idem de Aifos; outros 50$00 de **E. M.**; 58$50 do Pessoal da Mobil-Oil e 50$ dos «dois amargurados».

«Migalhas do almoço dos antigos ferroviários do Estado» no Bom Jesus 495$. Congo Belga 560$; Vila Pery 50$; Alijó 100$; Gondomar 500$ «para sufragar a alma de Belmiro». Cinco vezes menos do «Cheirinho».

A Fábrica Dragão mais uma vez nos enviou a factura dos rebolos de esmeril com esta observação: «Claro está que estes rebolos também são fornecidos gratuìtamente».

M. Coimbra L.da, «patrões e pessoal» mandaram 445$.

A Companhia do Teatro D. Maria II esteve no Porto. Lá fomos. Nós temos cá muitos aferroados pelo teatro. Muitos até dos que não ligam a cinema. Ainda bem. Pois também a companhia se não esqueceu de nós e o Pedro Lemos maudou em nome de todos os artistas 535$. Na próxima época esperamos mais do que isto. Esperamos a vossa visita e uma representação.

Agora um desfile de Escolas Primárias e Grupos Excursionistas que nos têm visitado e todos se têm explicado com suas migalhas abençoadas de gente humilde.

Escolas: Régua; n.º 28 da Rua Pinto Bessa; Arada do concelho de Ovar; Mata; n.º 36 de Paranhos; e Externato Silva Teixeira. Grupos Excursionistas: de Quebrantões; «Os alegres pensadores das Antas»; o «Futebol Clube da Ranha»; o «Clube Futebol de Oliveira do Douro»; «Os Portulanos do Porto»; os «Amigos da União»; os «Nós cavamos do Norte»; «Os milionários sem dinheiro»; e «Os 20 Arautos de D. Afonso Henriques».

Finalmente, os empregados da Caixa de Previdência dos

Continua na página TRÊS

AQUI, LISBOA!

Continuação da página UM

adas, se não se toma por eleição espontânea um incentivo que a isso force.

É tão diminuto o grupo dos que se empenham na solução dos problemas alheios. E tantos que se proclamam cristãos! Pois quão difícil é pensar nos outros quando a vida nos sorri sem contratempos e nos colocamos na complacência de nós próprios.

Tão poucos, repito, preocupados com os sem casa, sem trabalho, sem saúde, sem alimento, sem o mínimo de conforto humano! Porque de tudo isto beneficiam muitos, não suspeitam que haja seres humanos a dormir em cavernas, que se andem léguas para se conseguir trabalho e pão; e por falta deste que se encurtem as horas da vida e a amargura daquelas.

Padre Baptista

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

— O cronista é novo mas a nossa crónica já é muito velha. Os Pobres, sempre os Pobres. Escusado será dizer aos queridos leitores, que ao começarem a ler estas colunas, não vão ficar a conhecer mais ídolos do desporto ou de teatro. Ficam sim a conhecer mais casos de miséria, ou seja, mais pecados da sociedade, que nós confrades, jamais nos cansaremos de derrubar. Somos tão novos e já conhecemos tanta miséria por esses tugúrios. Os casos decorrem com frequência. Este que descrevo, é um dos muitos que existem.

Saí de casa com a senhora em direcção ao Barredo, com o fim de visitar alguns dos nossos Pobres. Tendo já visitado alguns e indo a caminho de outros, encontramos sentada na rua, por não se aguentar já em pé, uma pobre mulher a pedir. A criatura mostrava um aspecto de quem sofria muito. Mal podia respirar. Naquele lugar não lhe demos nada, porque não é nosso costume dar esmola alguma na rua. Fomos então a sua casa e o que nós vimos e vivemos naquele curto espaço de tempo! Era um quarto aonde cabia pouco mais que uma cama e viviam ali: pai, mãe, uma filha e dois filhos ainda pequenos que, pela graça de Deus, não estavam contagiados pela doença dos pais, que eram tuberculosos. A pobrezita poucos dias resistiu. Após o seu falecimento, o marido tuberculoso até ficou sem a única enxerga que havia no quarto. Uma alma caridosa leva a menina para um lar O pequeno mais novo encosta-se a uma tia. Fica o pai que dorme numa cadeira com o outro filho de 11 anos ao colo. Como não fosse tudo, o pobre homem foi preso, por o filho andar descalço. Telefona-nos um senhor da polícia a dar-nos esta notícia. E agora o pequeno? E quantas corridas para a Fonte Taurina para o encontrarmos? Vagueava pelos becos e as próprias vizinhas nos diziam que raro o viam. Nem à noite. No entanto com o auxílio delas pudemos descobri-lo e convidámo-lo a vir connosco. Lavado e vestido, ficou a comer do nosso caldo até o Snr. Padre Carlos vir cá. E como já sabíamos que dizia «sim», seguiu o Zé para Paço de Sousa radiante e feliz.

— Recebemos vários donativos para os nossos Pobres, a que não podiam faltar os da Campanha «Tenha o seu Pobre». A fogueira foi incendiada e a labareda vai-se alastrando. Recebemos ainda do Snr. Adelino Ferreira 100$, e dos nossos subscritores 430$. A todos estes benfeitores muito e muito obrigado e até à próxima se Deus quiser.

Fernando Dias

MIRANDA DO CORVO

— No dia 13 de Maio também celebramos os 17 anos do Papa, e os 40 anos que foi sagrado Bispo, Sua Santidade Pio XII.

Assistimos à Santa Missa a qual cantamos com entusiásmo pelas intenções de Sua Santidade, na qual houve comunhão geral.

Também foram alguns rapazes a Fátima nesse dia, visto ser peregrinação mundial, pela mesma intenção, pedir a N. Senhora que é a nossa Mensageira junto de Deus, que interceda junto do Pai pela Saúde do Santo Padre Representante de Cristo Senhor Nosso cá na terra. Para que a presença dele torne o mundo mais amigo de Deus. Que aproxime quem dele anda afastado.

— No dia 16 do corrente mês tivemos cá uma grande excursão da Sociedade de Propaganda de Coimbra, trazendo na frente o nosso muito amigo Snr. José Carlos de Sá, assinante n.º 10, os senhores doutores Fernandes Martins e Carlos Figueiredo Nunes, também nossos amigos. Vieram ver a nossa linda casa, sendo aqui o ponto principal da sua deslocação daquele bom povo da Cidade Universitária, para prestarem homenagem ao Pai Américo. Uma vez cá todos e muitíssima gente desta vila, com o bom pároco, com os senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara.

A sessão começou com um discurso do Snr. Doutor Carlos Figueiredo Nunes, em que narrou a vida de Pai Américo para com o garoto abandonado, e os Pobres.

Depois disse algumas palavras o senhor dos dez gaiatos como nós lhe chamamos porque chega ao pé do primeiro vendedor que encontra e compra logo 5 jornais, e outros cinco a vários vendedores. Os leitores hão-de perguntar para quê. Então um não dava para ler?

Respondemos: Sim, mas ele não quere o bem só para ele. Dá-os aos presos, para seguirem o caminho da salvação. Dirigiu-nos palavras de agradecimento. Os rapazes quando vão para ele dizem: Olha o Senhor dos dez! Abraça-os muito contente. Em seguida foi o Sardinha que agradeceu a esta gente a honrosa visita que nos fêz.

Depois todos os gaiatos com mais de 13 anos passaram por meio daquela gente, dizendo de onde eram e o que queriam ser na vida. No fim o Snr. Padre Horácio disse a todos para agradecerem a Deus todo o bem que nos tem feito. No fim foram ao Alto do Calvário desta vila fazer um discurso sobre a Vila de Miranda e assim foram maravilhados para suas casas com tudo que viram e ouviram.

— Em 22 tivemos cá uma excursão de crianças da freguesia de S. Bartolomeu do Coimbra, com suas famílias, Criaditas dos Pobres e o Snr. Prior, passando cá o dia connosco.

Joaquim Alberto (Nelas)

TOJAL

— Analizando e meditando cada uma das letras que compõem uma simples palavra, palavra essa perturbante vemos quanto é vazio possuir bens neste mundo. É a palavra «Morte».

Gosto muito de meditar nesta palavra. Embora perturbante, uma coisa boa nos oferece — o desprezo total deste mundo, isto é, virarmos as costas às coisas mundanas e agarrarmo-nos às coisas Celestes.

É esta a razão porque gosto de meditá-la. A morte despoja o homem de tudo quanto possui na terra.

Pode-se comparar a vida a um vapor que se levanta no espaço recebendo dos raios do sol um esplendor aparente, mas basta um sopro de vento para o dissipar; taís são as grandezas deste mundo.

Que triste espectáculo ver o rico avarento, depois da morte, ser tirado do seu palácio para não mais voltar a ele! Ver outros donos que tomam posse dos seus domínios, dos seus tesouros, de todos os bens que diziam serem seus.

Os seus servos acompanham-no até ao sepulcro onde o abandonam aos vermes que o hão-de devorar.

Depois, já não há mais honras, nem lisonjas; mas haverá choros e ranger de dentes. Porque se enche de orgulho quem não é senão pó e cinza?

— Ó homem, disse o Senhor, não vês que em breve te hás-de tornar cinza e pó? Em que pensas e que amas? Considera que em breve a morte te há-de despojar de tudo e expulsar do mundo.

E se ao dares conta da tua vida fores encontrado em falta, que será de ti por toda a eternidade?

A riqueza é um grande obstáculo à perfeição.

Se quiseres ser mais perfeito, vai e vende tudo e dá aos Pobres, disse o Senhor.

Desprendamo-nos mais das coisas mundanas, riquezas, lisonjas, e viremo-nos mais para as coisas do Céu; foi o que tantas vezes o Senhor Jesus nos recomendou.

Do que nós necessitamos

Cont. da pág. DOIS

Ourives do Porto, que estavam para vir e não puderam, mas mandaram na mesma o que tinham para oferecer pessoalmente: 230$ e dois bilhetes do sorteio da Aveleda.

Se nos saem os 50 automóveis já sabem! Estão convidados estes nossos amigos pró passeio inaugural!

— RECEBEMOS: 500$ de que me é desconhecida a vinda deles. Mais 50$. 500$ na semana passada. Não julguem os senhores que a nossa conferência já está rica, não. 300$ escudos deles já estão gastos e os outros irão depressa. Os Pobres aumentaram. Chegou ao Tojal há dias uma família bastante grande da Curraleira. A barraca deles foi deitada abaixo, ficando a mãe e quatro filhos, dois ainda de peito, outro com 9 anos e outro com 7 na desdita.

A mãe não pode trabalhar, o marido está num sanatório com um dos filhos.

Foi socorrida imediatamente pelas nossas conferências. Por ora, estão a morar na casa do pároco que for para lá.

As despesas são especiais. Gasta-se um pouco mais com ela.

Como vêem os senhores, o dinheiro que nos mandam não fica no cofre a ganhar ferrugem, não.

— Desde há muito que as crónicas da conferência representam as do Tojal.

Desde então para cá, temos a registar: o acabamento do nosso balneário, muito airoso, bem acabado e muito lindo. É o segundo melhor das nossas casas e um dos melhores de Portugal

Nem o Porto, Sporting, Benfica ou Belenenses podem gloriar-se de ter um melhor do que o nosso.

— A ceifa do trigo já acabou. Pelos vistos rendeu bastante. Durante aquela, grande alegria entre os cegadores, desfiam cantigas à desgarrada, diziam piadas uns aos outros, faziam adivinhas, de vez em quando a sua pinguinha de vinho para aquecer, merendeiros melhorados.

—As nossas oficinas, principalmente a alfaiataria, têm muito que fazer. Na última oficina encontram-se centenas de metros de pano para fazer fardas para a Fábrica Covina. Os rapazes não têm mãos a medir de manhã à noite.

— Também têm passado por aqui numerosas excursões. Alegram-se os rapazes muito com isso pois é um meio de se divertirem bastante.

Zé do Porto

SETÚBAL

— No dia treze à noite houve festa rija cá em casa. Quando a malta já estava para se deitar, aparece o Snr Quaresma, nosso amigo de todas as horas, com uma alcofa cheia de bichas, bombas, foguetes e muitas outras coisas que eu não sei como se chamam. Claro que o sono passou logo. Os rapazes começaram logo a fazer das deles.

Atiravam bombas e bichas uns aos outros, não poupando sequer o Snr. Padre Baptista nem o Snr. Quaresma que teve de fugir para dentro de casa. Alguns dos mais pequenitos esconderam-se debaixo da cama.

Quando se acabaram as bombas e os foguetes fomos à quinta apanhar uma barrigada de ameixas. Alguns comeram tanto que andaram uns poucos de dias a queixar-se da barriga.

— Mas nem só de bombas e foguetes vivemos nós. No dia do Corpo de Deus também tivemos festa, mas esta séria.

De manhã reunimo-nos todos juntos do altar do Senhor, onde foi celebrada missa pelo Snr. Padre Batista o cantada pelos rapazes. Na altura da comunhão todos se abeiraram da sagrada mesa afim de receberem o Senhor Jesus. De tarde os maiores foram a Setúbal assistir à procissão do Corpo de Deus.

— Os nossos vendedores andam um pouco desanimados. Ainda há pouco tempo vendiam quase quinhentos jornais e agora algumas vezes nem chegam aos trezentos. Porque será?

Amigos setubalenses não deixeis de comprar o jornal, não só para nosso bem, mas também vosso e alegria dos pequenos vendedores.

— Agora para terminar, um caso engraçado que se passou há dias aqui em casa. Há dias o Snr. Quaresma veio estar connosco um bocado. Começou a falar com o Snr. Padre Baptista e deixou o chapéu no corredor em cima dum banco.

Quando estava para se ir embora foi à procura do chapéu. Tinha desaparecido, ninguém sabendo dele. No fim de muito procurarmos fomos dar com os cães a brincar com ele.

Escusado se torna dizer que o chapéu já estava estragado.

José Roque Crisanto

PAÇO DE SOUSA

— Festa do Corpus Christi de 1957. O dia abre para nós como grande esperança que nos conforta e incita para a trincheira da vida. Para que a luta renda e possamos resistir ao inimigo, são precisas as munições que nos abasteçam. Este dia é Forte e far-nos-á mais generosos, tenazes soldados que não arredam pé da sua zona até tombarem pelos seus.

Não falo evidentemente da luta material, dos canhões e mais armas que troam e levam no seu jacto o rótulo de morte e de desgraça. São coisas mais Altas. Que só vencem pelas explosões de amor. Este só se mantem se formos beber à Fonte, à mesa que nos é posta e nós renunciamos, julgando-nos alguém. Capazes de fazer alguma coisa, mas coitados de nós, só diminuimos os nossos rendimentos. Perdemos porque nos desculpamos e não olhamos ao convite que nos é feito.

Este dia é para nós fonte de riqueza. Jesus, como outrora passeava os caminhos de Jerusalém, passeia hoje pelas ruas da Cidade dos Rapazes, enfeitadas para receber o Grande Hóspede.

Cada casa tem o seu turno na capela e à hora lá estão. Ninguém falta São os soldados que fizeram convite ao seu Chefe e lhe prestam as honras, rendendo uns os outros, para que sempre esteja em contacto com o regimento inteiro.

Dormitórios, hospital, escolas, oficinas, ruas, arvoredo que enfeita a nossa Aldeia, tudo foi abençoado pela passagem do Senhor.

Fizemos-Lhe o convite. É preciso que O tratemos bem e não O deixemos ir embora. Somos amigos dEle por isso a Sua separação seria triste. E sabes? Isso só acontece se assim o quisermos. Tratêmo-Lo bem para que a Sua magnificência faça de nós os vulcões para iluminar os lugares onde as trevas são permanentes. Onde não tem lugar. Ora se é a razão de tudo, porque não está em tudo? A resposta é dada por todos, porque todos contribuimos e somos os culpados disso!

Na imprensa, na rádio, mais órgãos de divulgação se diz que não há paz. Não se diz, porém, que não é procurada. Estão uns no chão para outros estarem em pé. Adquirem-se tantos engenhos de guerra para defesa de A, porque a população de B aumenta e é um perigo. Falta de confiança!

Dum lado são lançados alimentos ao mar para se manter um nivel económico alto. Doutro, a luta pela sobrevivência é titânica. É assim o mundo de hoje! É assim que se concorre para a existência da paz e concórdia!

Muitos discursos. Mais banquetes. No fim destes há votos para outros mais próximos. Nada resolvem. Aumentam os revoltosos, os sem lei, enquanto a fonte brota...

A Fonte do Bem que elimina a Chaga do Mal!

A vida corre veloz. Numa velocidade estonteante e a Fonte continua a brotar e... não é procurada...

Que este Corpus Christi tenha feito um Corpo Místico mais unido e mais batalhador, para não existirem pessoas a morrer à sede enquanto a Fonte jorra constantemente...

Daniel Borges da Silva

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

PELOS NOSSOS POBRES: É costume aos domingos. Porém, desta vez, foi na quinta feira dia do Corpo de Deus.

Iamos quentinhos da capela; da capela da nossa aldeia. O dia, o ambiente, — tudo respirava, tudo convidava às Alturas. Era o «Corpo de Deus».

Adorado no Altar do Sacrifício quisemos mais — adorá-Lo na pessoa do nosso irmão Pobre.

O dia, o ambiente, — tudo convidava às Alturas. Que feliz nos sentimos! Que felicidade! Mas, quanto mais olhámos o Alto, mais indignos!... Chorámos. Chorámos os nossos pecados. Que momentos, Senhor! Vós fostes testemunha. Vós ouvistes. Vós escutastes.

Mais um monte. Mais um fio de água. Mais campos de milho. Mais casario. Eis-nos no cimo — começo da via-sacra. Lá em baixo, no fundo, fica a nossa aldeia. Por mais que a vejamos, ora de um lado, ora de outro, de todos os ângulos ela é bem um espelho de beleza espiritual; ela canta quem foi, quem é o Pai Américo. E quanto mais subimos, quanto mais escalamos os montes, quanto mais perto dos Pobres, mais presente Ele em nós. Ele, o nosso guia. Ele, o nosso mestre. Ele, o nosso amigo. Ele, o nosso Pai. Recordámos. Revivemos. Meditamos. Oh meditação!

Topamos o primeiro casebre. O primeiro desta via sacra. Subimos a escada. Entramos no terreiro. A petizada rodeia-nos.

— O vosso pai?

— Foi à missa.

— E a vossa mãe?

— À fonte.

— Espere. Vem aí. Vem aí.

É uma família numerosa. Ele trabalhou enquanto pôde. Agora, um inválido. Estes casos doem. Ferem. Sangram. Estes casos são a concretização do que estamos fartos, fartinhos de ouvir a cada passo: «quando não puder mais vou correr mundo com uma saca às costas». Eis uma mentalidade criada. Criada e mantida.

Pelos jornais, de vez em quando, a gente vê que em tal terra assim assim vai realizar-se uma campanha contra a mendicidade. Funda-se uma sopa. Funda-se qualquer outro organismo afim. Ora isto é um bem; isto é um bom sinal. O mundo quer exterminar o espectáculo da mão pedinte Há a consciência do problema. Porém, em vez de paliativos é necessário encarar de frente o mal. É preciso ir à fonte. Indagar. Saber das causas. Depois resolver. Como? Acabar com a insegurança no porvir: «quando não puder mais vou correr mundo...» Se formos avaliar, de entre essas bichas de pedintes que percorrem as nossas aldeias; se formos avaliar, havemos de notar que — exceptuando, claro, o «profissional» — uma percentagem vem dos que, não podendo trabalhar, vão «correr mundo».

Mais acima, outra família numerosa! O chefe, que fora mui doente, já está no seio de Abraão. Assistimo-lo até ao derradeiro dia. Procurámos dar-lhe tudo que estivesse dentro das nossas posses. Temos essa consolação. E ele partiu com ela. É mais um Amigo que vela por todos nós. E que Amigo! Mas, a doença deixou vestígios. A doença não perdoa. Na falta dum dispensário, aqui perto, mandámos a viúva a um médico. Este auscultou-a. Pôs-lhe não sei quê no peito, talvez uma vacina. Requisitou uma chapa, que havemos de pagar. É tuberculosa! Com um petiz no colo, de olhos finos, irrequieto, lança um olhar em redor, vê todos os da sua carne; vê todos um por um, e solta um grito de dor: «Que há-de ser dos meus filhos?!» Não pensa nela! Ela não conta. Pensa nos filhos. «Que há-de ser dos meus filhos?!» Que Mãe!

Chorámos outra vez. Chorámos os nossos pecados.

Quisemos penetrar nos insondáveis desígnios de Deus. Quem pode?

Continua na 4ª. página

O GAIATO
ANO XIV — N.º 348
Paço de Sousa, 6/7/1957

AVENÇA — QUINZENARIO

(Espaço para endereço)

Campanha dos cinquenta mil

Faz um ano, dia 16, que o Senhor levou o nosso Pai Américo. Um ano! Como o tempo passa! Ainda estamos a vê-lo, ora risonho, ora concentrado, ora aflito. Ainda estamos a vê-lo!

A presença de Pai Américo aqui, nesta coluna bem amada, em nossos corações, em toda a Obra desde Paço de Sousa a Setúbal, é uma presença viva, uma presença constante, uma presença que o tempo não corrói. Antes, que o tempo aviva hora a hora, dia a dia.

Nós vivemos do bafo, da palavra, do amor que semeou.

O Pai Américo! Se ele falasse, hoje aqui, que diria a todos os nossos leitores? Se ele pudesse falar de viva voz dir-vos-ia, com certeza, que a Campanha precisa de continuar sem desfalecimento. Continuar até ao fim. Até ao recolher da procissão.

Se é bem certo que em igual mês de 1956 os assinantes poucos mais eram que 28 mil, **hoje** ultrapassam os 33 mil. Houve um acréscimo de 5 milheiros! E ainda faltam 17 mil para recolher! Podemos dar graças a Deus. Além dos que continuam firmes no seu posto, mais 5 mil portugueses vieram beber da Seiva que alimenta este pequenino mas apetecido quinzenário. Apetecido, sim. Porquê? Leiam esta carta. Vem da India; da nossa India. E traz 11 assinantes. Ei-la:

«Sou assinante de «O Gaiato» e um profundo admirador do saudoso Pai Américo, da Obra nos seus múltiplos aspectos e dos seus continuadores. A «O Gaiato» devo ter conseguido vencer alguma coisa do meu grande egoísmo contribuindo com o meu grão de areia, uma vez por outra, para que um sonho se vá realizando, como vi em Paço de Sousa. Tive aqui a ideia de procurar arranjar assinaturas e consegui a lista que vai acima. Todos pagaram a sua assinatura anual, adiantada, à razão de 6 rupias (35$10). O Snr. Joaquim de Jesus Lopes pagou 10 (58$50), também por um ano de assinatura. Por eles e por mim, peço os seus bons esforços para que a Administração dos Correios vos dê, sem mais encargos monetários, o transporte do jornal para aqui de avião. Haverá possibilidade de o conseguir? É que é tão precário o transporte marítimo, que nos vemos imenso tempo privados do prazer da leitura do grande jornal! Com os desejos das maiores prosperidades para a Obra da Rua, apresento os meus melhores cumprimentos e confesso-me muito grato.

Um assinante».

Já viram? Já leram? Repararam bem naquele desabafo: «A «O Gaiato» devo ter conseguido vencer alguma coisa do meu grande egoísmo»? É assim «O Gaiato»; assim a maioria das cartas que recebemos. Cartas inflamadas, de almas ferventes: «A «O Gaiato» devo ter conseguido vencer alguma coisa do meu grande egoísmo».

Caro leitor. Se ainda não colaboraste nesta campanha de assinaturas faze hoje um propósito. Sai para a rua. Papel e lápis em punho. Sai. Não temas. Não tenhas medo do mundo. O mundo espera por ti. Espera que venças a tua inércia, o teu egoísmo. Faze como aqueloutro da India, de tão longe! Que ele te sirva de exemplo. E confia na ajuda de Pai Américo. Uma ajuda que não vês. E podes não compreender. Mas é. Sai e verás. Verás como o mundo te recebe de braços abertos. O mundo espera por ti. O mundo precisa do «Gaiato». E o «Gaiato» precisa de 50 mil assinantes. Há tanto Pobre sem casa! Há tanto Pobre sem pão! Há tanta gente que desconhece Cristo que vive, que padece na mansarda! Anda, leitor. Sai. Sai para a rua. Prega o Evangelho na rua.

Além daquela lista da India, marcam presença: Porto (5), Lisboa (3), Ermezinde, Figueira da Foz, Fundão, Aveiro, Escalos de Baixo (3), Coimbra, Póvoa de Varzim, Ovar, Cabeceiras de Basto, Cerdeira do Coa e Valadares.

Júlio Mendes

O «DOUTRINA»

Na encadernação a tarefa segue animadamente. Em torno da mesa uma turma deles cose, enquanto «Manuel das Eirinhas» vai aparando na guilhotina. Depois é outra equipa, noutra mesa, colando as capas. Quando há um monte de livros prontos vem o «Lucas» por eles, prá expedição.

Depois... têm a palavra os leitores: «Chegaram os três exemplares anciosamente esperados e gulosamente saboreados.

A alegria de sua leitura recompensa, sem medida, o tempo que esperámos pela sua saída.

Pai Américo lá do Céu, continue a guiar todos os vossos trabalhos e Jesus Senhor continue a abençoá-los».

Ó dedicatória! Quem pode resistir a tamanho afecto, tão inteligente, tão fértil, porque em «Jesus Senhor»?!

E agora é outro que ainda não recebeu mas espera: «Cá estou à espera do nosso livro, mas se não vos custar muito, mandem-mo completo, ou, o melhor será já fazermos um contracto de amigos: Mandem-me um que tenha falta de folhas e outro que tenha essas folhas a mais. Combinado?»

Ora saiba o meu bom senhor para crédito da «desorganização organizada», que depois do caso de falta de folhas, aqui relatado, ainda não constou de mais nenhum.

E Deus lhe dê aos seus filhos na medida em que deseja aos meus: «Queira Deus eu tenha muito anos de vida para educar 5 filhos que tenho e pagar a assinatura em duplicado, ou antes, por outro que não o possa fazer, o que farei sempre com muito gosto». E lhe adoce a boca como o faz o carinho com que mos trata: «O Director» da parte administrativa que não leve a mal esta conversa porque estou a brincar com vocês, como brinco com os meus filhos.»

Património dos Pobres

Continuação da pág. UM

dos mesmos homens abrem-se de amor. O Jesus da nossa religião não é um Jesus morto. Está vivo e vive no meio de nós. A Religião Católica não é uma ideologia; é uma vida. A maior parte de nós prega uma religião morta e prega Cristo morto e assim fazemos da vida morte. São testemunho vivo de Cristo as casas que se vão erguendo.

A cidade da Figueira da Foz entregou duas no mês passado. Estiveram autoridades e muita gente. Aproveitaram aquele acto para consagrar a memória do Pai Américo. Sentiram a ausência dum padre da rua, mas foi-nos impossível estar, pois tínhamos marcado os peditórios em Santa Cruz.

A Vila da Lousã juntou-se à volta das suas duas primeiras que são um primor, como se vê na foto do último Gaiato. As casas ficam também na briosa Vila da Lousã! Ao lado destas há mais terreno e os habitantes tinham visinhos e conhecidos com iguais necessidades. Têm a palavra os lousanenses.

Mira d'Aire enfeitou-se como nos dias de festa para comungar na alegria de seis famílias que tiveram a sua casa. No local das seis, onde outras estão a subir, levantaram um altar e o Senhor Bispo de Leiria celebrou a Santa Missa, benzeu e entregou as chaves. O Senhor Governador Civil de Leiria e Presidente da Câmara associaram-se à festa com a sua presença. A banda de música deu também a sua parte. Não sabemos onde reinava mais alegria: se nos oferentes, se nos contemplados. Tudo era alegria cristã.

Em Caldas da Rainha já conseguiram terreno para mais e vão recomeçar as obras. Em Alter do Chão o pároco informa que estão a andar as nove primeiras.

Os homens vão dando testemunho de Cristo e Cristo dá testemunho de amor. Deus é Amor.

Padre Horácio

CHALES DE ORDINS

— *Continuação da seg. página* —

pre os seus interesses e nunca os dos seus irmãos Pobres. E para que o marido, que ninguém chama como jornaleiro, por ser já de idade e doente, tenha trabalho, conseguiu-se uns campos arrendados, e uma toira, cujos lucros são totalmente seus, para que, a pouco e pouco, vá pagando as dívidas e possa, um dia, legar o campo, única riqueza, aos filhos. E a esposa, como até aqui, continuará na confecção dos chales, depois de ter vencido a sua timidez num trabalho que nunca julgava capaz de aprender. Esperamos que Deus nos ajudará na recuperação desta família, abençoando o nosso esforço e abrindo-lhe horizontes novos de felicidade. E é mais uma página deste grande livro de Ordins.

x x x

Nestes últimos dias o correio tem-me trazido correspondência do Ultramar Português. Estava a pensar que por lá também andava o frio, senão quando Namaacha vem por três chales, pois «há dias que faz lembrar o frio de Portugal». A Beira pede o envio de outros tantos «o mais breve possível, pois o frio aqui já se está sentindo» e igualmente liquida mais um para sua mãe, em Remuais. (Peso do Minho). Como são agradáveis estas lembranças dos que partiram aos que ficaram por cá. O cheque de 600$ foi generoso. Lourenço Marques vem com uma carta deliciosa. «Era para mandar fazer há mais tempo. mas estive à espera que tivessem menos que fazer, o qual verifiquei pelo último jornal que recebi hoje». No momento em que nota menos trabalho em Ordins, Lourenço Marques aparece. «Estive à espera». No inverno, não há aqui mãos a medir. Agora em que tudo vai para a praia, é caridade aparecer. O cheque de 150$ também dá que falar: «caso chegue, para um grande; se não chegar, então um médio ou pequeno. Fico muito satisfeita com um tamanho qualquer». Como esteve à espera do momento para nos ajudar. aparece. Quere um chale, dos nossos, de qualquer tamanho. E vai receber um dos maiores «para a caminha do meu primeiro filho que tem 20 meses». Aquele numeral ordinal é termómetro indicador dum estado de alma exigido pelo Matrimónio, sacramento da fecundidade. Os esposos não podem defraudar as fontes da vida humana, sem incorrer na maldição de Deus e da sociedade. Ainda há dias a nossa conferência recebeu um enxoval para um recém-nascido, oferta duma mãe, que tantos enxovais oferece, quantos filhos o Senhor lhe dá. Não se cansa na sua generosidade, nem diz «basta» aos dons de Deus.

Bela Vista (Angola) viu e também quere um. Benguela, «como o cacimbo começa a apertar», vem ao mesmo. «Tenho seguido pelo Famoso a campanha dos Chales de Ordins».

Da Madeira. uma mãe e vicentina vem por dois, preocupada com a alma dos seus filhos. Não seria mãe segundo o coração de Deus, sem tal preocupação. «Receio sempre que esmoreçam na fé. que se deixem influenciar por doutrinas erróneas, etc.». Quantos estudantes desorientados pelos estudos! Do continente, alguma coisa também. S. Martinho dos Mouros um dos médios «para ajudar essas mulherzinhas». Chança. idem. Uma diplomada de Aveiro um dos pequenos. «Depois pedirei mais». Rio de Moinhos (Sátão) recebeu um e agora vem por outro. Quando entrar no convento, lembre-se das necessidades de Ordins e deste

Padre Aires

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Continuação da pág. TRÊS

Aquela aflição pelos filhos ressoa. Jamais se cala. Pesa nos ouvidos. Sentimos nossa a dor daquela Heroína. «Os meus filhos?! Os meus filhos?!» Oh lágrimas de sangue!

Damos-lhe 160$ por mês. É pouco? É muito? É o que nós podemos. Damos medicamentos. Mas quê? «Todos os remédios que me têm dado, disse o médico, não têm valido de nada»! Então? «Preciso de comer mais e melhor». Quantos assim por esse mundo de Cristo! Mais; quantos sem um braço amigo que assista e conforte!

Não ficaram por aqui os ecos daquele dia solene do Corpo de Deus. Mais havia para dizer de outros Pobres, em circunstâncias semelhantes. Todavia, o espaço mai-la paciência dos leitores são coisas de muito estimar e então se nos dão licença continuamos no próximo número.

O QUE RECEBEMOS — A Senhora A. F. do Porto não falha! Pode atrazar-se mas recupera. Vai com 25$ Segue o assinante 33580 com o dobro. E o dito 20399. de Lardosa. com 20$. E o 15462 de Fornos de Algodres, com igual quantia. E os n.os 24843 e 28787, de Lourenço Marques, 60$. E Beatriz Santos, metade. E Leonidia Teixeira, 50$. E o assinante 5400, com o dobro. E «A Mãe dum assinante», de Marinha das Ondas, 20$. E o 17819. com o mesmo. E 25$ do 14330. E mais nada! A todos, o costumado muito obrigado.

Júlio Mendes

Crónica DESPORTIVA

G. D. CASA DO GAIATO..... 5

ATLÉTICO CABECEIRENSE..... 3

Mais uma boa partida realizamos no meio da nossa gente! Muita correcção. Muito desportivismo. Muita alegria. Sã camaradagem desportiva nos ofereceram os embaixadores de Cabeceiras de Basto.

Nesta peleja colhemos as melhores impressões. O G. D. Casa do Gaiato está a subir de dia para dia. Não pela quantidade de golos, mas pela maneira como foram marcados, saindo de lances bem gizados, com princípio, meio e fim. Estamos a jogar muito a meio do terreno e abusamos, como já é costume antigo, de lances a mais na zona de remate. Para tirar partido da boa forma que a nossa turma vem manifestando, é preciso que baja mais engodo pela baliza, mais concretização. Isto que sirva de exemplo para não virmos a sofrer dissabores nos importantes jogos que ainda temos esta época.

Daniel Borges da Silva

Visado pela
Comissão de Censura